

O AMAPÁ GANHA AMIGOS NA GRANDE IMPRENSA

Texto e fotos de Elson Martins

Na semana passada o Amapá entrou na mídia nacional ganhando página inteira do Jornal "O Globo" e espaços igualmente generosos no "Jornal do Brasil" e "Zero Hora" (de Porto Alegre). O jornal "O Estado de S. Paulo" programou matéria especial e a "Folha de S. Paulo" produziu editorial assinado por Marcelo Leite. A Rádio Nacional de Brasília incluiu o Estado no programa Natureza Viva, coordenado por Ida Pietricovsky, enquanto o SBT encomendava de sua filial amapaense pelo menos cinco pautas especiais para incluir no Jornal do SBT. As pautas foram solicitadas pelo próprio Editor-Chefe do sistema, Alberto Villas.

Curiosamente, essa mídia toda não foi provocada pelo impeachment do governador Arnóbio Barreto ou pela CPI da Corrupção aprovados pela Assembléia Legislativa do Estado no dia 14 de setembro e em seguida contestados na Justiça pelo governo. Desta vez, o Amapá ganhou destaque com temas mais brandos e inócuos, como a ação dos morcegos no reflorestamento das minas de manganês exploradas na Serra do Navio e os sistemas agroflorestais experimentados nos quintais do Vale do Maracá. O editorial da Folha de S. Paulo com o título de "Adeus ao inferno verde" registrou que "a memória da ECO-92 virou pó, mas a engrenagem mundial do ambientalismo parece estar à toda no norte de Brasília. A floresta fervilha de iniciativas, acrescentou.

Tudo isso foi motivado pelo encontro sobre jornalismo ambiental promovido pelo Instituto de Estudos Amazônicos e Ambientais (IEA) e a fundação Konrad Adenauer (alemã) no período de 26 a 30 de setembro. O encontro chamado "Laboratório Ambiental" reuniu vinte jornalistas dos principais jornais, revistas, TVs e rádios do país numa programação bastante informal que incluiu visitas ao rio Maracá na parte sul do Estado, à uma aldeia dos índios Waiápi na Perimetral Norte e à vila de Serra do Navio, onde há 40 anos o grupo Caemi explora o manganês do Amapá.

IMPACTO

A idéia dos organizadores foi a de reduzir os debates em auditórios começando por levar os jornalistas e ambientalistas ao vale do Rio Maracá, local de um assentamento extrativista do Incra onde o IEA desenvolve o projeto "Homem e Meio Ambiente na Amazônia" com recursos da Fundação Adenauer (200 mil dólares em quatro anos). Três voadeiras levaram o pessoal rio acima até a residência de dona Maria José de Souza, vice-presidente da Associação dos Extrativistas do Maracá e membro do Conselho Nacional dos Seringueiros. Dona Maria mora num barraco com visão paradisíaca para o rio e a floresta.

Ali, depois de um banho nas águas esverdeadas do Maracá os jornalistas conheceram um roçado típico da região e o quintal de dona Maria, que faz parte do projeto de quintais agroflorestais orientado por Jean Dubois, especialista participante do "Laboratório Ambiental". Os ribeirinhos são orientados para plantarem árvores frutíferas e de valor comercial em volta da casa, além das espécies medicinais conhecidas. Eles trocarão entre si as sementes, as mudas e as receitas. Ainda no Maracá as voadeiras desce-

ram o rio para chegar ao estaleiro do seu Pedro Braga, um inventor da floresta. O inventor exibiu o belo barco que construiu com recursos repassados pelo IEA, e uma caixa d'água feita de um tronco óco de Pracuúba. Os jornalistas ficaram fascinados com sua habilidade e sua conversa, uma prosa cheia de humor e espeztezas.

Surtem as primeiras indagações da imprensa especializada. O estaleiro tem mercado para os barcos que vai produzir? Hélio Hara, repórter de "O Globo", na sua primeira viagem à Amazônia encontra dificuldades para aferir os resultados de um projeto com o do IEA. Seguramente, esses resultados não podem ser aferidos pelas regras tradicionais de mercado e de valores. As expectativas dos ribeirinhos do Maracá se limitam ao seu mundo isolado, excluindo o desejo de acumulação de capital, idéias de estocagem e outras lógicas do mundo urbanizado. Pode ser que o único barco já construído justifique a montagem do estaleiro. E a certeza de que seu Pedro vai permanecer ali em condições de construir outro barco quando necessário é entendido como uma conquista.



Pedro Braga e sua caixa d'água

FALTA "CONTROLE"

O Maracá está ligado à capital, Macapá, por um trecho da BR-156 de 130 quilômetros. A estrada, ainda de chão batido, vai até o Laranjal do Jari ao Sul, e até o Oiapoque ao Norte formando uma espécie de espinha dorsal do Estado à qual se ligam a maioria dos 15 municípios. Sua extensão é de 900 quilômetros. O trecho da capital ao Laranjal do Jari corta os assentamentos extrativistas Maracá I, Maracá II, Maracá III e Reserva Extrativista do Cajari. A população da região - cerca de 5 mil ribeirinhos, colonos e castanheiros - vê na estrada uma solução e uma desgraça. Dona Maria falou para os jornalistas: "A estrada é importante, o problema é que o governo não tem o controle".

Sem controle por parte do governo a estrada vira um pesadelo para os extrativistas. A caça e a pesca estão sendo dizimadas (pasmem!) por funcionários do próprio governo. Nos finais de semana contam-se até 10 caminhonetes com farol de milha, cachorros, armas possantes e binóculos para fazer matança de veados, caaitus e antas. No rio Maracá sobem e descem as voadeiras com malhadeiras e caixas de isopor com gelo para acomodar centenas de quilos de pescado.

"Eles têm supermercados na cidade, podem comprar comida a qualquer hora, nós não. Nossa comida é tirada da mata e

do rio. Eles estão acabando com a nossa comida" - reclama Dona Maria.

A ameaça pode ir mais longe com a ação dos madeiros e mineradores. Para contê-los, as ONGs apontam para a organização dos extrativistas e o desenvolvimento sustentável - uma utopia com percalços. No encerramento do "Laboratório", no salão de convenções do Novotel, a antropóloga Mary Allegretti, presidente do IEA, disse estar convencida de que o ambientalismo brasileiro está desenraizado da sociedade e que as ONGs são entidades "pouco visíveis" ou guetos, que nem sempre refletem os interesses dessa sociedade.

Num ritmo quase alucinante os jornalistas foram visitar os índios Waiápi na aldeia Aramirã, mais próxima, na região centro-oeste do Estado. A Fundação Adenauer teve que abrir mão do rigor com que fiscaliza as contas do IEA para financiar um boi para o churrasco. Como sobremesa os índios experimentaram Chonk, um produto lançado por enquanto, apenas no sul do país, pela Nutritional de Curitiba, composto de cereais e de castanha colhida pela cooperativa do Xapuri. Por um convênio firmado entre a Nutritional e o IEA, 2,5% da receita líquida da venda do Chonk vão para os projetos ambientalistas na Amazônia. A Cooperativa de Xapuri recebeu este ano um reforço de 4 mil dólares da venda do Chonk.

O contato com os Waiápi foi muito rápido e apressado. Não deu para os jornalistas ouvirem os caciques e sentirem sua aflição. Os Waiápi vivem em 14 aldeias com cerca de 400 indivíduos ocupando uma área com 573 mil hectares ainda por demarcar. O prazo para a demarcação encerrou agora, em outubro, e o dinheiro liberado pelo governo alemão encaihou na burocracia brasileira. Os índios sofrem agora a ameaça de invasão de garimpeiros enquanto políticos conservadores, financiados por poderosos grupos econômicos, articulam-se para reduzir as áreas indígenas com a revisão constitucional.

Recentemente, alguns caciques Waiápi tiveram que ir à Assembléia Legislativa do Estado, convocados pela CPI da Ecologia, para defenderem sua amiga Dominique Gallois, antropóloga do Centro de Trabalho Indígena e da USP acusada de explorar ouro da reserva. Na versão dos índios e Dominique a denúncia foi tramada para atrapalhar a demarcação. O cacique Wai-Wai desabafou na CPI: "Estamos cheios de fofoca de branco. Não queremos mais isso. Chega de confusão em nossa aldeia".

BURACOS E MORCEGOS

Num apertado e calorento micro-ônibus a comitiva saiu da aldeia para a Serra do Navio, uma vila com cara de primeiro mundo. Bons alojamentos, piscina, comida farta, cerveja gelada. O diretor da Icomi, Fernando Guimarães, recebeu os jornalistas em alto estilo numa terça-feira ao entardecer. Só havia tempo para jantar e conversar amenidades. No dia seguinte começaria a programação local.

Os jornalistas e ambientalistas tiveram que ouvir o Hino Nacional às 7 horas da manhã no pátio de uma escola, todos perfilados. Crianças com uniforme da Icomi, também perfiladas, denunciavam um passado de excessivo rigor no comportamento da empresa. A exploração do manganês começou em 1953. O contrato de 50 anos termina em 2003. A empresa

iniciou um processo de terceirização da vila que terá de ser devolvida inteirinha (com alojamentos, residências, hospital etc.) à União, ao Estado ou ao Município. A estrada de ferro de 20 km que liga a Serra ao porto de embarque em Santana também.

Praticamente Serra do Navio conta com dois prefeitos: José Maria Lobato, funcionário da Icomi licenciado, eleito pelo PT, e Fernando Guimarães, executivo da Icomi que administra a vila através do Irda (Instituto Regional de Desenvolvimento do Amapá). O debate do executivo com os jornalistas não foi ameno. É difícil para a Icomi explicar porque extraiu tanta riqueza do Amapá e não investiu no município, permitindo uma periferia de 5º mundo. Os impostos gerados pelo manganês esvoaçaram nas mãos dos governantes do Estado, mas uma parte foi utilizada pelo próprio Irda.

A jornalista Denise, da revista Manchete, ficou indignada. Dentro do micro-ônibus, visitando os buracos de onde foram retiradas as montanhas de manganês, os jornalistas se dividiram. Para uns, a Icomi agiu certa, como empresa; o governo foi que agiu mal. Do ponto de vista ambientalista não dá para notar tanto estrago, porque a exploração foi pontual e a empresa se desdobra, agora, para refazer a cobertura florestal. É aí que entram os morcegos

espalhando sementes, por exemplo, do mata-pasto e outras espécies da floresta primária que estão sendo cultivadas. Um médico da companhia, Paulo Roberto, virou botânico para cuidar do setor.

Numa estranha aliança, José Maria Lobato e Fernando Guimarães fazem planos para desenvolver a Serra. Fernando só fala em turismo ecológico. Lobato pensa em agricultura, sistemas agro-florestais, mas também não descarta o turismo. Eles querem fazer tudo em dez anos, para impedir que a Serra do Navio vire uma cidade fantasma.

OUTRO OLHAR

Quinta-feira, 30, termina o "Laboratório Ambiental". Ricardo Arnt (TV Bandeirantes), Guilherme Fiuza (Jornal do Brasil), Hélio Hara (Globo), Ida Pietricovsky (Radiobrás), Ivo Stigger (Zero Hora), Klaus Hart (jornalista suíço), Manuel Dutra (O Liberal), Maurício Pedreira (Videociência Produções), Ulisses Capozoli (O Estado de S. Paulo), Denise (Manchete) - entre outros, arrumam as malas para voltar para as suas redações. Conforme depoimentos publicados nesta página (veja box), daqui para frente, eles vão ir de outra maneira para esta região, a o que o IEA queria, procurando paros na imprensa especializada.



Jornalistas iniciam a "escursão" subindo o rio Maracá

Impressões de jornalistas que visitaram o Amapá

KLAUS HART

Jornalista suíço, correspondente na América Latina de jornais e revistas européias.

"Não foi a primeira vez que visitei a Amazônia. Desde 1977 fui a diferentes lugares da região, na maioria das vezes a Manaus e Porto Velho. Mas o Amapá só descobri no ano passado. Fiquei feliz de ver uma região bem menos afetada pelo chamado "progresso", de madeiros, garimpeiros e queimadas; ver um povo que tem obviamente mais consciência da necessidade de defender a natureza.

Num vôo inesquecível entre Macapá e Oiapoque fiquei emocionado com as diferentes formas de verde, essa massa infinita de floresta virgem, a idéia de que lá embaixo tem uma vida intensa na natureza: inúmeros tipos de pássaros, bichos de todo tipo, e índios, que conhecem como nenhum branco essa selva fantástica. O primeiro impulso pode ser: botar grades, arames em volta para impedir qualquer tipo de destruição numa região que é única no planeta. Mas isso é irreel - o homem branco entrou, destruiu. Resta evitar que a destruição cresça e que a Amazônia seja vitimada pelo egoísmo e individualismo da humanidade.

Fiquei impressionado com a simplicidade da vida; com o contato intenso com a natureza, que não se conhece mais no sul e no Primeiro Mundo. A Amazônia é um desafio - para qualquer um - com o calor, a humanidade. Ela leva a refletir sobre o nosso estilo de vida, a nossa condição de vida. eu sempre voltei renovado, pensativo para o Rio. A Amazônia não sai mais da minha cabeça"



Klaus Hart



Hélio Hara



Ida Pietricovsky

IDA PIETRICOVSKY

Produtora do Programa Natureza Viva-Rádio Nacional da Amazônia - num convênio com o WWF - Fundo Mundial para a Natureza e GTA - Grupo de Trabalho Amazônico:

"O Amapá é um encanto. São as primeiras palavras que posso expressar depois de ficar muda, atônita mesmo, diante de tanta beleza. Não é só a beleza da natureza, que é exuberante até, em seu cerrado (outro motivo de espanto), mas também as pessoas. O caboco, o índio, todos enfim com quem tive contato, se revelaram de uma amabilidade, de uma sensibilidade que ainda não havia conhecido em lugar nenhum onde já estive (preciso conhecer mais da Amazônia, mas o Amapá...).

Meu coração balançou quando estive no Maracá com dona Maria e o resto do pessoal. Emocionante foi estar com os Waiápi; Serra do Navio então foi um lindo recuo no tempo. Enfim, brinquei com os meus colegas, e me pra mim a melhor frase para ser dita sobre esse lindo lugar é "nothing like Amapá." Nada mesmo.



Guilherme Fiuza

GUILHERME FIUZA

Repórter/Redator de Ciência e Meio Ambiente do "Jornal do Brasil":

"Conhecer de perto a região amazônica é um privilégio para um jornalista do Rio de Janeiro. Privilégio não só de testemunhar a abundância de vida representada por matas e rios - quanta água! - frente a esterilidade das megacidades do concreto do sudeste; privilégio também de ver povos tradicionais saindo da marginalidade e valorizando suas atividades culturais e econômicas - ao mesmo tempo simples e sofisticadas, antigas e fundamentais para a modernidade brasileira."

HÉLIO HARA

Repórter de Ciência e Meio Ambiente do Jornal O Globo: "O amapá que conheci foi o hotel às margens do Amazonas e, em rápidas visitas, a Serra do Navio, parte do rio Maracá e uma das aldeias Waiápi. A floresta, ao vivo, certamente supera qualquer imagem produzida: vídeo, foto ou cinema. A impressão geral é de uma área em que a população nativa observa e, em grau incipiente, participa das experiências trazidas ao Estado por ONGs e empresas. Interessante será acompanhar os resultados desses projetos a médio prazo. Por enquanto, fica a impressão de que, aqui, muito ainda é possível."

MARCELO LEITE

Editor de Exterior e Ciências do Jornal Folha de S. Paulo:

"Estes cinco dias no Amapá significaram para mim o contato com um Estado amplamente marginalizado, ao menos no noticiário do Sul-Sudeste, dentro da questão amazônica. Foram muitas informações novas e interessantes: a enorme extensão da mancha de cerrado ao lado da floresta equatorial, a cultura dos Waiápi, a curiosa parceria da Icomi com um prefeito do Partido dos Trabalhadores na formulação de um futuro do município de Serra do Navio - para citar apenas três dos fatos que ignorava sobre esta terra. Deixo o Amapá com a certeza de que nós, jornalistas de todo o país, temos muito ainda a descobrir e narrar sobre a Amazônia e sobre a história que seu povo e os "ongueiros" de todas as partes do mundo estão escrevendo."